

Interfaces

volume 04 número 01

Interfaces – Revista de Letras e Linguística – vem propondo reflexão contínua em torno de trabalhos de investigação de pesquisadores professores e de alunos de Pós-Graduação em seções distintas. A revista mantém desde sua fundação a política editorial voltada à reflexão dos saberes e à divulgação da produção acadêmica nacional e internacional de trabalhos que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão.

Este percurso teórico-metodológico está sendo compartilhado por colaboradores, oriundos de universidades e espaços geográficos diferentes e que dialogam acerca das relações entre as áreas da Literatura e Linguística. A partir desse diálogo Área de Concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras é nominada “Interfaces entre língua e literatura”. Integram o vol. 4, n. 1 artigos privilegiando, de um lado, movimentos teóricos, que oferecem como referencial ideias que perpassam em especial os conceitos como memória e identidade e, de outro, movimentos analíticos, que apontam para a aplicabilidade desses conceitos.

Na seção especial, Interfaces conta com a preciosa contribuição de Xosé Lois García que escreve “Pelo roteiro da Galiza universal de Rosalía de Castro”. Para esse autor a figura e a obra de Rosalía de Castro são inesgotáveis nessa universalidade que seus leitores constatarão na antologia organizada pelo escritor brasileiro, Andityas Soares de Moura Castro Matos (2003), que foi além da leitura da poeta nacional da Galiza para abarcar várias dimensões de sua obra. A importante e sugestiva incursão de Andityas como leitor, antologizador e tradutor faz uma descoberta interessante e especial para o leitor brasileiro, que se verá, com esta escolha, familiarizado com a obra de Rosalía. Mais que familiarizado, estará convidado a penetrar na sua obra poética, servindo-lhe de guia o próprio Andityas.

Vale a pena ressaltar nesse passo o fato de que as duas obras da poeta galega são apresentadas nesse breve antologia mostra toda a força, a vitalidade e a transcendência de sua poesia. É o próprio Andityas que, por meio de opiniões e notas espalhadas pelo livro, explora certos traços da personalidade de Rosalía a luz de sua época, a segunda metade do século XIX. Nesse sentido, apresenta-nos estudiosos voltados a obra da autora e apresenta-nos versos em que a autora trata dos problemas que assolam a Galiza, como emigração, desenraizamento, a questão da mulher. Outro ponto essencial é a relação de Rosalía como receptora de toda uma tradição popular e oral de cantares compostos por mulheres camponesas. Rosalía revive, depois de 400 anos, as cantigas medievais. Xosé Lois García aponta outro dado enfatizado pelo autor: Rosalía como precursora do modernismo, antecipando a Geração de 98 na Espanha.

Na esteira das reflexões sobre a pós-modernidade, Fernanda de Andrade contribui com o artigo intitulado “As contradições de uma mulher pós-moderna: Gênero e violência simbólica no conto Entrevista ao Vivo, de Luci Collin”. Integrante do livro Inescritos (2004), da escritora paranaense Luci Collin, o conto faz uma leitura muito tenaz das ideologias de gênero por meio da personagem Mara Stefan, uma mulher pós-moderna que afirma suas conquistas plenas, mas que é objetificada pela aceitação inconsciente de paradigmas da dominação patriarcal, o que Pierre Bourdieu nomeia de “violência simbólica”. Com efeito, este trabalho analisa a construção da postura da mulher e os perigos de ideologias que rondam silenciosamente, quando se acredita que nada mais deva ser conquistado. Para tanto, são

utilizados os subsídios teóricos da Crítica Feminista.

O terceiro o artigo “A ausência de fronteiras na constituição de identidades na obra clariceana *Água Viva*”, Adriane Cherpinski e Rosana Gonçalves, fazem uma incursão acerca das noções identidade e pós-modernidade. As autoras reforçam a concepção de instabilidade, hibridização, deslocamento e fragmentação das identidades; a identidade pós-moderna do indivíduo. Sob esta ótica, o estudo propõe-se a identificar a alternância ou possibilidades de identidades que fragmentam a narradora/personagem da obra literária *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector. O aparato teórico-bibliográfico fundamenta e explora a transição de identidades em busca da satisfação interior nos indivíduos pósmodernos, tal como indicam as considerações finais sobre o monólogo clariceana *Água Viva*.

No artigo “A memória em Arriete Vilela e Berta Lucía Estrada”, Giancarla Bombonato e Antônio Donizeti Cruz, com base nas acepções de Halbwachs (1990) e Bergson (1990), buscam compreender o conceito e os aportes relacionados ao tema da memória, das imagens, das lembranças e das recordações, discorrendo sobre o processo de apreensão do mundo. Observam sobre as razões que levam uma lembrança a se perpetuar, ou sobre as exclusões da memória, que acontecem independentemente do desejo do indivíduo. Dessa maneira, os contos de Arriete Vilela e Berta Lucía mostram que a literatura, ao proceder sua releitura do passado, com apelos à memória, busca – pela liberdade de imaginação que rege o discurso que dela emana – lançar novas luzes sobre eventos do passado. A memória assume papel fundador no que concerne a representação social. As recordações são formas de (re)viver o passado e, ao mesmo tempo, de lançar um novo olhar sobre ele, pois as percepções e as emoções de outrora são outras. As autoras procuram mostrar como se dá a construção memorialista na configuração dos personagens nas autoras selecionadas.

Aline Venturini, no artigo “Cantiga dos Esponsais e Um homem Célebre: a representação da tensão entre música popular e música erudita na identidade cultural dos personagens”, mostra que Machado de Assis abordou as diferentes artes de seu momento histórico em seus contos. Em “Cantiga dos Esponsais” e “Um Homem Célebre”, o escritor representa dois dilemas de dois artistas e compositores: no primeiro conto, Mestre Romão, compositor sacro e erudito, tenta compor uma música popular; no segundo conto, Pestana, artista de músicas populares, pretende compor uma música erudita. A autora reflete sobre as relações entre popular-erudito no Brasil e como Machado de Assis representa o entendimento dessa temática. A autora procura responder de que modo a cultura se relaciona com a identidade. Na representação machadiana, o entendimento do que significa a cultura erudita e a cultura popular perpassa o social.

No artigo, “Significação, enunciação e experiência linguística”, Kariny Critina de Souza Raposo descreve a construção de sentidos nos chamados Enunciados Proferidos por políticos (EPPs) que, se lidos em apenas um plano de leitura veiculam apenas um sentido, mas, que se elaborados em um segundo plano revelam a polissemia que mobiliza outras significações na enunciação. A autora pretende em seu estudo avaliar o processo de significação linguística, deslocando de sentido nos EPPs a partir de outro instrumental descritivo, a saber, aquele que considera o sentido não apenas como construção composicional, mas também sócio-histórica. A autora procura responder como, uma vez reveladas e consideradas a ironia, a jocosidade e a polissemia dos enunciados, se dá o movimento de ressignificação, de reconstrução dos sentidos.

Em “O processo de reflexão metaficcional em ‘Seymour: uma apresentação’”, de Adolfo José de

Souza Frota, é analisado o processo de reflexão metaficcional da narrativa. O texto em questão analisa os procedimentos estilísticos de um autor que, constantemente, discute o seu fazer literário dando voz a seu alter-ego Buddy Glass que questiona a autoria do romance e outras publicações anteriores de Seymour. Apesar de a narrativa ser uma tentativa de apresentação de uma personagem, ela é, na verdade, a apresentação e a reflexão da criação artística, ao incluir, em sua história, a quebra da ilusão da realidade e o recurso do *mise en abyme*. Por meio desse recurso ocorre o espelhamento de que trata o artigo, ou seja o autor Salinger escreveu a história intitulada “Seymour...” que versa sobre uma personagem autora narradora que está escrevendo uma narrativa também intitulada “Seymour...”.

No último artigo Adriana Falqueto Lemos desenvolve estudo sobre “O papel da escrita e leitura literária como terapêutica na escrita de Clarice Lispector e no filme *Fonte de Vida*”, propondo, dessa maneira, discussão sobre questões éticas e morais da vida, caminho para a salvação da angústia vivida pelo homem contemporâneo, e como essa relação escritor-literatura-leitor se concretiza no filme *Fonte da Vida* (2006) de Darren Aronofsky em diálogo com as noções de escrita terapêutica (LEAL, 2011, MORAES, 2012) de Clarice Lispector. A autora procura apontar similaridade entre a escrita do personagem Tomas e da Clarice Lispector. Para a autora, a produção de arte em geral tem em sua matéria a vida que lhe é contemporânea.

Chamam-nos atenção de que os artigos são espaços, como sabemos, de novos gestos de leitura e de constituição de novos sentidos. Assim, neste número, as diferenças e semelhanças que passam, então, a conviver a partir das múltiplas leituras que se abrem pelas diversas posições aqui expressas, representam novas perspectivas para a reflexão sobre os desdobramentos das pesquisas e estudos que os temas e autores nos oferecem.

Carme Regina Schons
Zélia Maria Viana Paim.

Organizadoras do volume 04 número 01

Guarapuava, julho de 2013